

# TRINTA ANOS DE "ORFEU"

## Excerptos de um estudo



Raul Leal



Almada Negreiros

Em 1915, appareceu uma revista sensacionalissima, denominada «Orfeu», a qual provocou um enorme escandalo e irritação nos meios burgueses e academicos. (note-se que não me refiro a estudantes mas aos senhores de senis Academias).

Sairam só dois numeros que bastaram para fazer uma espantosa revolução literaria e, de uma maneira geral, artistica que abriu novos horizontes ao pensamento e á arte portuguesa. «Tudo que veio depois, deve-se á nossa Grande Revolução Estética e Mental!»

«Orfeu» cujo primeiro numero era dirigido por Luiz de Montalvor, tendo tido o segundo por directores Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, profundos orientadores desta revista, por eles fundada, foi efectivamente a fonte primordial de todo o movimento ultramodernista portuguez, não tendo sido até agora exceedidas as criações orfaicas apesar da bella pleiade de escritores, poetas e artistas plasticos que posteriormente appareceram, afinal com caracter menos revolucionario. Foi o grupo do «Orfeu» a que me honro de ter pertencido, que pela 1.ª vez em Portugal, arguiu bem alto ideologicamente, o estandarte da revolta contra velharias mais ou menos academicas que pretendem mumificar o pensamento antigo em vez de procurarem rejuvenescer-lo dando-lhe uma nova setiva vivificadora que de modo algum o desvirtuaria. E faço propositadamente esta affirmacão, porque o movimento ultramodernista de «Orfeu», á frente do qual estavam, como indiquei já o meu Grande Amigo Fernando Pessoa e Mário de Sá-Carneiro, não surgiu de modo algum para destruir propriamente o que de mais grandioso appareceu no passado mas apenas a mumificacão academica das criações antigas. Estas, na sua pureza, eram respeitadas pelo nosso grupo de intellectuais e artistas que procurou, porém, dar-lhes sangue novo, com o qual pudessem ultrapassá-las, actualizando-as por assim dizer, sem nos desviarmos no entanto propriamente da grande Estrada que ellas tinham aberto no Mundo purissimo do Espirito. A nossa tarefa era prosseguir na sua construcão interrompida pelos varios academicos que infestam a vida.

A verdadeira funcão do modernismo não consiste em destruir o Passado mas em ir além dele, tomando-o no entanto por ponto de partida. Era assim que pensava Rodin cuja obra não é, efectivamente, anti-clássica, porque é antes «ultraclássica». E as arrojadissimas concepções artisticas de Picasso e dos cubistas são, de facto, a transcendentalizacão sublimadora do classicismo, não sendo pois a destruição deste.

O próprio movimento cristão que teve na sua origem, características verdadeiramente e profundamente revolucionarias, representando em relação á época, isto é, perante o moçalismo e o paganismo, uma tendência fortemente modernista não procurou de modo algum destruir «de fônd en comble», essas crenças consideradas então «passadistas», — procurou ape-

nas ultrapassá-las sublimando-as, aspiritualizando-as infinitamente. Estava nisso o seu modernismo! Por isso Santo Agostinho partiu do pensamento platónico cristianizando-o, tirando-lhe a frieza ideal, própria do paganismo, desconhecedor da vida íntima, a vida emotiva do eu que é a Grande Criação cristã. E assim o profundo pensamento medieval transcendeu ou transcendentalizou sublimadamente a época filosofia pagã de Platão sem a destruir. Apenas a actualizou. Do mesmo modo procedeu com respeito ao pensamento aristotélico São Tomaz de Aquino e Origenes que admiravelmente combinou esse pensamento com o platónico, transcendendo-os também, sublimando-os, emotivando-os, enfim cristianizando-os. E de uma maneira geral, a Igreja, organizada solidamente por Santo Agostinho, integrou nessa sua organização as instituições da Roma pagã e o direito romano. Não procurou, pois, destruir propriamente o paganismismo «passadista» mas apenas actualizá-lo, «modernizá-lo», cristianizando-o sublimadamente, espiritualizandoramnte, com extrema emoção mistica desconhecida dos antigos que só viviam de exterior e para o exterior, não vivendo assim emotivamente no eu. Portanto, numa palavra, em todas as épocas, as tendências mais avançadas nunca romperam com o passado, apenas o ultrapassaram. Para isso tiveram no entanto, muitas vezes, que lutar contra aqueles que persistiam teimosamente em ficar a

meio caminho, não avançando, quando é certo que essas tendências pretendiam sempre precisamente alcançar o fim. Mas a luta travou-se continuamente principalmente contra os mumificadores do espirito passadista a que tiravam a vida. Foi essa a orientação seguida no Grande Movimento Ultramodernista de «Orfeu».

Só o passadismo académico, mumificado, é combatido pelo grupo ultramodernista de «Orfeu» e não propriamente as tendências espiritualistas do passado que esse grupo revolucionário apenas procurou actualizar e então com um poder de criação infinito. O próprio Santa Rita Pintor, teve um dia, em casa de Vitoriano Braga, logo a seguir á publicacão do segundo numero de «Orfeu», uma frase que espontaneamente soltou com vibraçao e calor a qual mostrou bem o seu íntimo idealismo emotivo que elle aliás nunca pretendeu esconder. Vendo uma espléndida gravura com o retrato de Rafael, Guilherme Santa Rita não pôde conter-se e exclamou nervosamente: — «Nesse tempo em que os homens eram tão bellos, podia lá haver futurismo!» Esta frase é bastante significativa.

Nós nunca condenamos o passado e toda a sua grandeza, apenas procurávamos transcendê-lo, ultrapassá-lo, erguendo portanto ao máximo, supremamente em febre, em delirio, a sua espiritualidade que surge em



Armando Côrtes Ronald de Carvalho Rodrigues



nós com uma profundeza purificadora, abstracionante, que outrora não era jámais alcançada. E a excessividade delirante de vida espiritual, torrada espasmódica e alucinatória, o que caracteriza poderosamente acima de tudo o mais o nosso ultramodernismo.

Devemos também considerar que se Almada progrediu muitissimo só depois do aparecimento da nossa revista estando então ainda longe do seu máximo desenvolvimento espiritual por ser excessivamente jovem, e se a minha colaboração, «aliás com verdadeiro carácter astral», podia ter sido melhor, não tendo eu feito uma boa escolha (e o meu pensamento filosofico desenvolveu-se talvez mais rapidamente do que as minhas faculdades literarias, apesar de ter escrito aos 24 anos o drama extraordinariamente emocionante, mas tecnicamente imperfeito, «O Incompreendido»), todos os outros colaboradores de «Orfeu» publicaram, nesta revista as suas melhores criações em que mostravam já uma forte, poderosa personalidade. Além de Fernando Pessoa e Mário Sá-Carneiro cujas

### ALGUMAS PALAVRAS

(Continuado das pág. anteriores) e opondo-se ao qual nasceu «Orpheu».

«Orpheu», há trinta anos! Não se gasta papel para fazer contas: quantos aderiram, quantos desertaram. O económico pode muito e faz pressa!

Passou-nos a idade de gritar, morreu-nos a idade de existir, calemos e actuemos a idade de viver.

Vimos o mundo como nós o queríamos e não como elle é, que Deus nos não tire desta nossa ingenuidade.

ALMADA

### José Pacheco

que desenhou a capa do 1.º número do «Orpheu»,



**Atenção!** V. Ex.ª deve mandar limpar e tingir os seus fatos, vestidos, etc. á

Tinturaria e Engomadaria

**A Económica, Limitada**

Rua dos Remédios, 89

porque além dos seus preços económicos e de execução rápida, serão os seus trabalhos confeccionados com a máxima das perfeições, porque para isso tem o seu pessoal devidamente habilitado

No seu próprio interesse prefira a

**Tinturaria e Engomadaria A ECONOMICA, L.ª**

Rua dos Remédios, 89 — Telefone 2 5693 — LISBOA

porque sem mais encargos encarrega-se de ir a sua casa buscar e levar as obras

obras orfaicas eram formidáveis, Luiz de Montalvor, Alfredo Guisado, Côrtes-Rodrigues e o malogrado mas inspiradissimo poeta Angelo de Lima, apresentaram uma colaboração es-pantosa, cheia de delirio poético e artistico verdadeiramente genial. E extraordinários, admiráveis, originalissimos eram, digam o que quiserem os desenhos de Santa Rita-Pintor e de Amadeu de Sousa Cardoso!

O que dominava em quasi toda a colaboração literaria de «Orfeu» era o espirito metafisico e a mais poderosa astralidade.

Mesmo as «Odes», de Fernando Pessoa assinadas com o heterónimo de Alvaro de Campos, uma das personalidades distintas surgidas no espirito criador do Génio (tratando-se, do mesmo modo que Caeiro e Ricardo Reis, de uma verdadeira personalidade fantasmica em que Fernando Pessoa se integrava absolutamente, que vivia integralmente, «que substancialmente se tornava», não se tratando pois de um simples produto de imaginação e análise moldada «fora» do seu criador á maneira do Primo Basilio, Conselheiro Acácio ou Pacheco, com os quais, porém Alvaro de Campos, Caeiro e Ricardo Reis foram para ai comparados por um critico idiota), mesmo essas «Odes», têm tanta e tão espasmódica vibraçao íntima que há nelas, das quais brota uma verdadeira «metafisica» da Máquina e da Vida Mecanica, qualquer coisa de tão perturbante como um sonho astral.

RAUL LEAL

## AOS MEDICOS

ARTIGOS DE BORRACHA, LABORATORIOS, CIRURGICOS, ADESIVOS, BEM COMO TODA A ESPECIE DE MOBILIARIO CLINICO, EM FERRO, PARA PARTEIRAS E ENFERMEIROS

“STAND” DE VENDAS

**Mário Domingos Costa**

Rua da Palma, 132-1.º Telefone 2 9360